

Pedro Miranda
comanda Forró da
Gávea nesta sexta

PÁGINA 3



Suely Franco
revive a vedete
Virginia Lane

PÁGINA 11



Nanni Moretti
fala de sua
autoralidade

PÁGINA 7



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Divulgação



Globo de Ouro reescreve sua história

Após polêmicas,
prêmio da Associação
de Correspondentes
Estrangeiros de
Hollywood renova sua
relevância cultural tendo
'Barbie' seu favorito, com
nove indicações

Por Rodrigo Fonseca | Especial para o Correio da Manhã

Devassada por polêmicas na chegada dos anos 2020, a Hollywood Foreign Press Association (HFPA) abriu suas portas em 1943, com o objetivo de estimular a circulação de notícias ligadas ao motel platônico do século XX – o cinema – para além dos muros dos Estados Unidos, tendo como principal chamariz de seu trabalho a organização de um prêmio anual: o Globo de Ouro.

A primeira cerimônia em que a láurea foi concedida ocorreu em 1944, no estúdio 20th Century Fox, de olho nos magnatas da indústria. Seu primeiro vencedor foi "A Canção de Bernardette",

que conquistou vitórias nas disputas de Melhor Filme, Direção (Henry King) e Atriz (Jennifer Jones). Seu troféu – caracterizado por uma reprodução da esfera terrestre rodeada por uma película de filme cinematográfico – teve vários designers ao longo das últimas oito décadas. A versão distribuída atualmente pesa cerca de 3,5 quilos; é feita de latão, zinco e bronze; mede 11,5 polegadas, acoplando-se a uma base retangular, vertical, de notável elegância.

De 1950 até 2022, guerras internas – de egos e de condutas profissionais questionadas em parâmetros éticos – quase levou a festa de entrega dessa estatueta à extinção, sob a acusação de abusos de poder, falta de representatividade (das populações negras, asiáticas, indígenas) e sexismo.

Continua nas páginas 8 e 9

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Paul agradeceu o carinho dos fãs brasileiros

Paul McCartney agradece passagem pelo Brasil com vídeo

Paul McCartney resolveu agradecer pela passagem no Brasil com um vídeo especial em suas redes sociais em que mostra detalhes dos bastidores de suas apresentações em São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba e Rio. “Paul encerrou sua turnê 2023 Got Back em cinco grandes cidades do Brasil, terminando com um

grande show no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro! Obrigado a todos que vieram”, diz a legenda.

No último show, no Rio, ele enfileirou hits, falou um pouco de português, repetiu a expressão “o pai tá on”, já dita nos palcos brasileiros na mesma turnê, e puxou um coro de “aha, uhu, o Maraca é nosso”.

Folia de reis

Neste sábado (6), Dia de Reis, vai acontecer no Museu da Maré o Samba de Reis. Lideranças comunitárias locais, que promovem o samba de raiz dentro e fora da comunidade, se uniram para preparar uma festa de celebração da tradicional folia de reis.

Negando boatos

Britney Spears usou as redes sociais para desmentir os rumores de que lançará um álbum em breve e afirmou também que nunca mais voltará para a indústria musical. “Só para deixar claro que a maioria das notícias é lixo!”, publicou a cantora.

Luto sertanejo

A música sertaneja perdeu na noite desta quarta-feira (3) um de seus maiores nomes. O cantor João Carreiro, que fez sucesso ao lado do companheiro de carreira Capataz, morreu aos 41 anos após realizar uma cirurgia cardíaca.

Casa assombrada

Autor e produtor de sucessos do teatro musical, como “O Fantasma da Ópera”, “Evita” e “Cats”, Andrew Lloyd Webber revelou uma experiência sobrenatural em sua casa. Um fantasma o atormentou por anos. Ele procurou até ajuda numa igreja.



Mart'nália adotou o samba em sua totalidade a partir de seu segundo álbum

Mart'nália é samba no pé e verão na veia

Sambista apresenta neste sábado no Circo Voador o repertório de seu consagrado álbum ‘Pé do Meu Samba’

Por Affonso Nunes

“**D**ez na maneira e no tom / Você é o cheiro bom / Da madeira do meu violão / Você é a festa da Penha / A Feira de São Cristóvão / É a Pedra do Sal / Você é a Intrépida Trupe / A Lona de Guadalupe / Você é o Leme e o Pontal”. Com esses versos cariocas até a medula, a cantora e compositora Mart'nália imprime sua marca em “Pé do Meu Samba”, pérola de Caetano Veloso consagrada na voz manhosa e rasgada da filha de Martinho da Vila.

Pois a faixa-título do álbum da sambista produzido por Caetano em 2002 alavancou a carreira de Mart'nália e é o carro-chefe do repertório que ela apresenta neste sábado (6) no palco do Circo Voa-

dor, confirmando sua tradição de se apresentar sob as lonas da Lapa todo verão. Os portões da casa se abrem a partir das 20h com show de Os Garotin, trio formado por Anchieta, Cupertino e Leo Guimã. Os crias de São Gonçalo prometem esbanjar alegria e balanço para abrir os trabalhos.

Consagrada com dois Grammys Latinos de Melhor Disco de Samba pelos seus recentes álbuns “Mart'nália Canta Vinicius de Moraes” (2019) e “+Misturado” (2017), Mart'nália já gravou 13 álbuns de estúdio e cantou nos seus shows - registrados em quatro DVDs ao vivo, muitas coisa boa. Ela toca samba desde que nasceu, embalada pela ginga do pai nas rodas de samba da Vila Isabel. Tanto que ainda garotinha se apaixonou pelo ritmo.

Foi nesse universo que Mart'ná-

lia aprendeu a dançar samba, cantar, tocar violão e pandeiro. Mas a carreira profissional começaria lá por seus 16 anos, como vocalista da banda de Martinho ao lado de sua irmã Analimar.

Na metade dos anos 90, ela iniciou a se apresentar no circuito de bares, boates e teatros da cidade, o que a levou a lançar seu primeiro álbum de samba, intitulado “Minha Cara” (1995). Oitio antes, em 1987, ela havia lançado o álbum “Mart'nália”, que continha alguns sambas mas era dominado por um repertório variado, fruto de sua passagem cantando pela noite carioca.

Mart'nália Não foi abraçada somente pelo samba. Ela teve o privilégio de ser reconhecida por grandes nomes da Música Popular Brasileira. Caetano foi o diretor artístico do já citado “Pé do Meu Samba” e Maria Bethânia dirigiu o álbum “Menino do Rio”. A partir destes dois álbuns, Mart'nália iniciou a atrair grande atenção da mídia, apresentando-se ao vivo por todo o Brasil e então internacionalmente com turnês na Europa e África.

SERVIÇO

MART'NÁLIA

Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa)

6/1, a partir das 20h

Ingressos de R\$ 70 (meia) e R\$ 180

Forrozando com muito estilo

Pedro Miranda e grupo retomam temporada do Forró da Gávea no Manouche

As noites de forró no Manouche têm sido uma festa. Tanto que Pedro Miranda e o Forró da Gávea voltam à programação de 2024 com o baile-declaração de amor ao forró nesta sexta-feira (5), às 21h. Idealizado pelo cantor e compositor, o Forró da Gávea une a sonoridade tradicional dos trios de forró a uma levada mais moderna, alinhada ao jazz brasileiro, com improvisos e acordes sofisticados.

Criado em 2018, o coletivo é formado pelos músicos Durval Pereira (zabumba), Rafael dos Anjos (violão), Pedro Aune (bixo) e Rodrigo Ramalho (sanfona). O grupo está em cartaz no Manouche desde janeiro de 2023 com programação regular ao longo do

ano passado.

No repertório, clássicos dos grandes mestres do gênero como “Sanfona Sentida” (Dominguinhos e Anastacia), “Oia Eu Aqui de Novo” (Antônio Barros), “Abri a Porta” e “Lamento Sertanejo” (ambas de Dominguinhos / Gilberto Gil), “Feira de Mangaio” (Sivuca / Glorinha Gadelha), mas também composições da nova geração como “Xodó de Lamparina” (Zé Paulo Becker / Moyseis Marques), “Domingos” (Zé Renato / João Cavalcanti), “De Cangote em Cangote” (Thiago da Serrinha) e “Camboinhas” (Pedro Miranda / Rodrigo Linares), que está no último disco de Pedro “Da Gávea Para o Mundo”.

Estão também no repertório canções mais identificadas como MPB como “Maçã



Arthur Rangel/Divulgação

Pedro (centro) e a turma do Forró da Gávea recriam clássicos nordestinos

do Rosto” (Djavan), “Paratodos” (Chico Buarque) e “Cajuína” (Caetano Veloso), e números instrumentais como “Tom pra Jobim” (Sivuca e Oswaldinho), “Caçua” (João Lyra e Mauricio Carrilho), “Cabaceira Mon Amour” (Sivuca), “Casamento da Raposa” (Gerson Filho) e “Forró Transcendental” (Kiko Horta).

SERVIÇO

PEDRO MIRANDA E FORRÓ DA GÁVEA

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983, - subsolo) | 5/1, às 21h

Ingressos: \$ 100 e R\$ 50 (meia solidária, levando um quilo de alimento não perecível ou livro para doação)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Divulgação



Divulgação



Divulgação



No bloco do Ney o casal paródia

Aos 81 anos Ney Matogrosso não para! O cantor se apresenta neste sábado (6) em data extra no Vivo Rio de seu show “Bloco na Rua”. O repertório foi selecionado enquanto Ney excursionava com o show anterior e o seu critério não foi o ineditismo: “Não é um show de sucessos meus, mas quis abrir mais para o meu repertório. Dessa vez eu misturei coisas que já gravei com repertório de outras pessoas”, pontua Ney.

Das redes sociais para os palcos. Atendendo aos pedidos dos fãs, Edu Krieger e Natalia Voss resolveram fazer um show cantando suas paródias de sucessos da MPB e do pop brasileiro. Nesta sexta-feira (5), eles apresentam no Teatro Rival o espetáculo “Versos e versões – a vida em paródias”. Desde a pandemia, o casal recria clássicos de nosso cancionário com letras impagáveis que destacam assuntos quentes da política e temas da atualidade.

Jazz na Lapa

A primeira sexta-feira do ano na Casa Tao Brasil na Lapa, terá direito a atração internacional imperdível: o flautista e saxofonista espanhol Jorge Pardo (foto), vencedor do Grammy Awards em 2020 juntamente com Chick Corea, e eleito melhor músico de jazz europeu em 2013. Ele é o convidado especial de dois grandes nomes da música brasileira: o também flautista e saxofonista Carlos Malta e o violoncelista Jaques Morelenbaum.

É pra dançar

O baixista Ney Conceição promove a segunda edição do “Baile do Ney” no Severyna, em Laranjeiras, neste sábado (6), a partir das 19h. Com uma grande banda formada por Adaury Mothé (teclados), Herivelton Silva (bateria), Bernardo Bosisio (guitarra), José Arimatéia (trompete) e Gilmar Ferreira (trombone), o músico vai apresentar um repertório dançante com clássicos da MPB e da soul music.

A Blitz em seu habitat natural

A mais carioca das bandas de rock se apresenta no Circo Voador

A banda da praia que conquistou o Brasil sai em sua “turnê sem fim”, como gosta de definir e cantor, compositor e ator Evandro Mesquita, líder da Blitz que desde os anos 1980 agita as mais variadas plateias com sua mistura de rock, pop, funk, reggae, samba, soul e blues. É desta vez o show acontece onde tudo começou para o grupo: no Circo Voador, nesta sexta-feira (5), a partir das 22h. Como atração extra, às 20h será exibido o filme “Menino do Rio”, de Antônio Calmon, clássico do cinema nacional dos anos 80, que conta com Evan-

dro no elenco.

Com origem no grupo teatral Asdrúbal Trouxe o Trombone, a Blitz nasceu sob a lona do Circo Voador, ainda na Praia do Arpoador. Foram necessários apenas três meses entra a execução de uma fita demo de “Você Não Soube Ma Amar” na saudosa Rádio Fluminense FM, para a banda que tinha Lobão e Fernanda Abreu em sua formação original, se transformar na sensação do mercado fonográfico brasileiro nos anos 80.

Em plena crise do setor, a Blitz atingiu a marca de um milhão meio de cópias vendidas com o compacto que trazia a aquele que até hoje é o maior hit da banda. Na sequência, o grupo lançou o primeiro LP “As Aventuras da Blitz”, com venda mais impressionante que a do compacto.

O grupo ganhou capas de revistas importantes como Veja, Man-

chete e Isto É. Evandro & Cia arrombaram as portas do Rock Brasil, a MPB nunca mais seria a mesma. O sucesso da banda mudou o panorama das rádios e das gravadoras do Brasil. O grupo fez grandes shows em ginásios e estádios, como no extinto Canecão, onde batia recordes de público em sequência.

A formação atual da Blitz é Evandro Mesquita (vocal, guitarra e violão), Billy Forghieri (teclados), Juba (bateria), Rogério Meanda (guitarra), Alana Alberg (baixo), Andréa Coutinho (backing vocal) e Nicole Cyrne (backing vocal).

SERVIÇO

BLITZ
Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa)
5/1, às 22h
Ingressos ente R\$ 70 (meia) e R\$ 180



Blitz, rock irreverente desde os anos 1980

CRÍTICA / DISCO / SOPRO

Um coletivo de resposta

Por Aquiles Rique Reis*

Tratemos de “Sopro”, álbum coletivo dos ótimos instrumentistas, cantores e compositores Vicente Nucci, Vinicius Castro e Zé Motta, que se somaram ao arranjador Pedro Araújo (todos com menos de 40 anos) para realizar um CD exemplar.

Fala, Vicente! “Nós tínhamos este trabalho há alguns anos e no início de 2020 recebi uma mensagem do Vinicius, que morava em Portugal, perguntando se eu gostaria de levar o projeto adiante, com ele fazendo a produção e chamando o Pedro Araújo como arranjador. Confirmei que estaria disposto. Falamos com o Zé e entramos em 2020 com planos para produzir o álbum. E então... pandemia. Gravamos tudo remotamente, com os ar-

ranjos sendo montados aos poucos por instrumentistas de diversas partes do mundo”. Meu Deus, que história de competência e resiliência.

Sigamos: abrindo a tampa, “A Espera” vem com violino, violão e vocal aberto, num arranjo de Vicente Nucci. Já o arranjo instrumental tem a sonoridade dos sopros, que o pandeiro leva na pisada gostosa do baião.

Lenine participa de “Precipício”. A produção musical de Vinicius Castro dá ares épicos à composição. Logo Vicente Nucci e Zé Motta se achegam e conduzem o barco. Cabe aqui um aparte: os arranjos instrumentais são um dos pontos altos do trabalho. Impressiona a capacidade que tem Pedro Araújo de conceber



Divulgação

soluções harmônicas e sonoras.

Noutra produção musical de Vinicius Castro, o arranjo soma ao violão as cordas da Orquestra Sinfônica Nacional de Praga, criando atmosfera propícia para que “Silêncio” (<https://youtu.be/hjdUG-96DDwk?si=xzed-piKMTXZ-ZPkZ>) soe bonito na voz de Áurea

precisam ser conhecidos.

Ficha técnica

Composições: Vicente Nucci, Vinicius Castro e Zé Motta; produção musical: Vinicius Castro; arranjos: Pedro Araújo; arranjos vocais: Vicente Nucci; vozes: Vicente Nucci e Zé Motta; violão: Vinicius Castro; acordeom: Antônio Guerra; clarinete: Vicente Alexim; violino: Ayran Nicodemo; contrabaixo acústico: Itaiguara Brandão e Bruno Migliari; trompete e flugel: Jon-Paul Frappier; trombone, trombones baixo e barítono: Chris Ott; flauta, e piccolo: Marcelo Cebukin, Josh Plotner, Yuri Villar e Samuel da Silva; flauta em sol: Marcelo Cebukin; bateria: Adam Alesi; pandeiro e percussão: Mateus Xavier; mixagem: Gustavo Krebs; masterização: Carlos Freitas.

*Vocalista do MPB4 e escritor

Martins, que canta com Vicente Nucci e Zé Motta.

“Valsa Espelhada” tem participação especial de Claudio Nucci, pai de Vicente, que divide o canto com o filho e Zé Motta. O som da flauta em sol brilha em meio ao canto. E vem Ilessi, outra grande cantora, ajuntar-se a Nucci e Motta para cantarem “Derradeira”. A intro com o trombone baixo é de alucinar. Os sopros somam seus poderes às vozes, ao baixo acústico e ao pandeiro. Suingue total.

“Sopro” é um disco que nos dá a certeza de que a música boa está aí pra quem quiser e puder ouvir. Sim, pra quem puder, pois nem sempre se consegue saber que há gente nova fazendo trabalhos que merecem e

QUER SABER PRIMEIRO?



Correio da Manhã

**SIGA NOSSAS
REDES SOCIAIS E
FIQUE POR DENTRO
DE TUDO O QUE
ACONTECE NA
REGIÃO!**



WWW.CORREIODAMANHA.COM.BR/

Paulo-Roberto Andel

Boas lembranças movidas a sanduíches

Eu gosto muito de sanduíche. Qualquer sanduíche, dos mais abonados aos mais simples. Sou capaz de lembrar de grandes momentos enquanto comia um sanduíche. Certa vez passei o Ano Novo lanchando no Gordon, eu, Fredão e as garotas. Nunca me esqueço de um funcionário extremamente atencioso que se chamava Misaque, e o Flu tinha acabado de ser campeão.

Engraçado que nos acampamentos escoteiros nunca tinha sanduíche, no máximo pão com manteiga de manhã, isso quando não o fazíamos. Acho que na volta sempre me dava vontade de comer um sanduíche.

Basta um bom pão ou uma fatia de qualquer coisa e o sanduíche fica ótimo. Pode ser com pasta ou patê. Agora lembro de um que minha mãe fazia pra mim numa época em que estávamos muito pobres, muito pobres mesmo. Tadinha, ela comprava uma lata de sardinha, um tomate e uma cebola, picava tudo e fazia os recheios. Ela sofria muito, mas o sanduíche era tão gostoso que eu o como até hoje, mesmo lembrando daqueles tempos de enorme dificuldade.

Quando comecei a ir ao Maracanã, eu era pequenininho e não entendia o futebol, mas já era Fluminense e ficava muito contente quando meu pai comprava um cachorro quente pra mim. Minhas primeiras memórias tricolores são gente comemorando gol, a linda camisa tricolor e meu impecável cachorro quente Geneal.

Quinze anos depois, eu

contava as moedas para sobreviver na faculdade. Nem sempre dava pra almoçar, aliás quase nunca dava. A saída então era um lanche barato: íamos para o terceiro andar, na cantina da faculdade de Física. O prato principal era pão com ovo e salada mais limonada. Era baratinho e delicioso. Eu gostava tanto que pensava o seguinte: se um dia ficasse rico, ia contratar a lanchonete só pra mim, numa casa para que eu pudesse lancher enquanto descansasse.

Copacabana tinha a maravilhosa Sorveteria Bolonha, que tinha um cheeseburger sensacional e um mate delicioso, que rivalizava com o tanquinho da praia. Era uma lanchonete simples, barata e com ótimo atendimento. Aguentou ditadura, inflação, Nova República, novo golpe e o escambau, mas não resistiu à pandemia. Esquina de Constante Ramos com Barata Ribeiro.

Anos atrás, faleceu um boatequim na galeria do saudoso Cine Veneza. O bar vendia sanduíche de frango assado. Havia uma pequena frangueteira, picavam o frango para o recheio e também serviam em porções. Era enlouquecedor.

Em momentos de grandeza e miséria, na alegria e na depressão, em dias desesperadores e cheios de esperança, tanto faz, uma coisa é certa: um sanduíche sempre esteve perto de mim como se fosse o melhor amigo, matando minha fome, me dando satisfação. Hoje mesmo acho que vou fazer um.

É bom demais.

Saudade que bate em vermelho e branco

Intérprete histórico do Salgueiro, Quinho morre aos 66 anos

Morreu no fim da noite desta quarta-feira (3) o intérprete Melquisedeque Marins Marques, o Quinho do Salgueiro, uma das principais vozes do nosso Carnaval. A informação foi emitida pela escola de samba em suas redes sociais. A causa de sua morte foi uma insuficiência respiratória. O sambista de 66 anos estava internado no Hospital Evandro Freire, na Ilha do Governador. Desde 2022, Quinho travava de um câncer de próstata.

“Quinho não foi apenas um intérprete talentoso; ele foi a voz que ecoou em cada conquista, em cada desfile, e que se entrelaçou intimamente com a alma do Salgueiro”, diz um trecho da publicação da Acadêmicos do Salgueiro, que anuncia o falecimento.

O intérprete foi afastado do carnaval do último ano para tratar do câncer acima citado. Ele integrava a escola de samba desde o começo dos anos 90.

Em 2009, com o enredo “Tambor”, que contou a história do instrumento na Marquês de Sapucaí, Quinho levou o Salgueiro ao seu 9º título, depois de 16 anos sem vencer o desfile carioca.

“Quinho não apenas cantou para o Salgueiro; ele viveu e respirou cada nota, cada batida do coração acelerado da bateria. Ele personificou o espírito salgueirense, e sua ausência deixa um vazio indescritível. Hoje, não choramos apenas a perda de um grande artista; choramos a partida de um membro querido da nossa família”, conclui o texto publicado na rede social da



Divulgação

Quinho passou por algumas escolas, mas consagrou-se como uma das mais marcantes vozes do Salgueiro

escola de samba.

Intérprete com grande capacidade de improviso na avenida, Quinho dominava as massas na Marquês de Sapucaí. Sabia como poucos unir animação, empolgação, alegria, descontração e diversão ao enorme desafio de defender um samba-enredo desfile adentro.

Quinho deu seus primeiros passos no carnaval no Boi da Ilha, mas foi em 1988 que seu talento foi reconhecido. Ele substituiu ninguém menos que Aroldo Melodia, na União da Ilha do Governador, onde permaneceu até 1990. No ano seguinte, Quinho encontrou uma nova casa no Salgueiro e começou a se destacar logo na estreia, com um vice-campeonato, em 1991. Dois anos mais tarde, em 1993, com o antológico desfile do enredo “Peguei um ita no Norte”, o Salgueiro reencontra o título, após 19 anos de jejum. Em 1994, ele retornou brevemente à União da Ilha, mas em 1995 retornou ao Salgueiro, para sua segunda passagem pela escola até 1999.

Ao longo de sua carreira, o

intérprete fez história em diversas agremiações como São Clemente, Acadêmicos do Grande Rio, Império da Tijuca e Acadêmicos de Santa Cruz. Além disso, deixou sua marca em São Paulo, na Rosas de Ouro, e em Porto Alegre, na Vila do IAPI.

Mas sua conexão com o Salgueiro era forte ao ponto de acontecer um novo retorno à agremiação em 2003, quando a escola tijuicana completou 50 anos. Permaneceu defendendo as cores do Salgueiro até 2014.

O intérprete salgueirense carregava a fama de pé quente. Tanto que os dois últimos campeonatos da escola foram conquistados por Quinho. Em 2009, após 16 anos de jejum, Quinho conduziu a escola à glória com o samba “Tambor”.

Após um período afastado, por divergências políticas com a antiga presidente da agremiação – Quinho retornou ao Salgueiro em 2019. No entanto, passou a dividir o carro de som com Emerson Dias, intérprete lançado por ele, ainda muito jovem, em 1992, na própria escola.

ENTREVISTA / NANI MORETTI, CINEASTA, ATOR E PRODUTOR

‘Não quero passar a vida fazendo o mesmo filme de novo e de novo’

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

No primeiro fim de semana do ano, 2024 abre suas telas para um filme deslumbrante em múltiplas vertentes: “O Melhor Está Por Vir” (“Il Sol Dell’Avvenire”) é virtuoso na estrutura narrativa e mais virtuoso assim em sua nostalgia sobre o próprio cinema. É Nanni Moretti no apogeu da forma. Aos 70 anos de vida, aos 50 anos de profissão, o cineasta ganhador da Palma de Ouro de Cannes por “O Quarto do Filho” (2001) regressa às telas com uma mistura de riso, pranto, tiração de sarro com a Netflix e grandes interpretações.

Na década de 1980, quando a tradição de excelência da indústria cinematográfica italiana entrou em sucateamento, filmes como “Bianca” (1983) e “A Missa Acabou” (1985) fizeram dele um pilar de resistência. Ao longo das décadas seguintes, “Caro Diário” (1993), “Aprile” (1998), “O Crocodilo” (2006) e “Minha Mãe” (2015) expandiram seu prestígio autoral. Daí a forte expectativa por seu retorno às salas.

Candidato a cult nas telas brasileiras, “O Melhor Está Por Vir” traz o próprio Moretti no papel do realizador de verve socialista Giovanni. No auge da feitura de um filme sobre a violência soviética contra a Hungria, nos anos 1950, vista sob a ética do Partido Comunista Italiano, Giovanni recebe golpes de onde menos espera, até da família. Além de sofrer com a falta de financiamento e com uma intervenção do streaming (que trata com abrasiva picardia), ele pode perder seu casamento, há muito desgastado. Sua mulher e produtora, Paola (Margherita Buy), não tem mais paz na relação e perdeu a paciência com as vaidades de seu companheiro. Nesse momento, fato e fábula se misturam num embolado de ficção e de realidade em torno da rotina profissional de Giovanni, reprodu-



Divulgação

zida em cena com leveza, e muitos chistes.

Seu roteiro é um ímã de risos, mas também de reflexões sobre ideologias, aquelas boas, que desmancharam no ar, e aquelas que permaneceram.

Na entrevista a seguir, concedida num bate-papo num hotel em Cannes, Moretti desenha seus sentimentos em forma de provocação.

A projeção de “O Melhor Está Por Vir” em Cannes, em maio, e seu lançamento comercial pelas telas da Europa, nos meses seguintes, coroaram a celebração de seus 50 anos de cinema. Sua fé na arte cinematográfica mudou como nesse período?

Nanni Moretti: Muita coisa mudou no mundo nesse período, sobretudo a velocidade de consumo de tudo. O sistema já foi um sistema sólido, mas, neste momento, enfrentamos uma fase de desarticulação. Se pensar-

mos na Itália, falta um leme na execução da nossa atividade. O streaming surgiu hoje com força, e funciona muito bem no sistema produtivo das séries, mas, no campo dos filmes, o papel criativo do diretor não é o que foi. Fui formado por um tipo de narrativa pré-1968 em que cada filme refletia sobre a realidade e sobre o próprio cinema, com Ermanno Olmi, Marco Ferreri, os irmãos Taviani, o Free Cinema inglês e a Nouvelle Vague. Era um cinema que nos convidava a não ser imparciais.

Nessa lógica de imparcialidade, o que mais mudou politicamente na política?

Existe uma resistência muito forte à esquerda hoje, numa cobrança de que ela perdeu sua identidade. Na Itália, eu torço para que a esquerda volte a ser esquerda. Mas há que se estar atento ao que essa cobrança traz em seus bastidores. Há que se esperar mudança da esquerda para que a

transformação faça bem a ela.

Seu desempenho como ator no papel do cineasta Giovanni – às voltas com colapsos pessoais e profissionais – foi encarado por muitos críticos em Cannes como sua interpretação mais sólida. O que essa atividade anfíbia, como realizador e astro, desenha na investigação de seus temas?

Eu já protagonizei filmes antes, meus e de outros, sempre buscando o que melhor se adequasse ao que a narrativa pede. Na minha vida, desde estudante, o cinema sempre simbolizou uma forma de exorcizar aquilo que eu queria combater. Carrego um apreço grande por Buster Keaton, e seu humor, e tento levar essa verve irônica para a tela.

É difícil não rir com “O Melhor Está Por Vir”, mas é engraçado que esse filme apareça logo após um trabalho seu pelo melodrama, que foi o “Ter Piani”, de 2021, hoje disponível no Brasil no streaming Reserva Imovision. O que essa incursão pelo folhetim abriu de caminho em sua obra?

A trama de “Ter Piani” necessitava de uma outra luz que não a da comédia. Não havia espaço para a ironia e não havia espaço para slogans políticos. Décadas se passaram desde que eu comecei a filmar e eu percebo que é importante mudar. Existem artistas que fazem sempre o mesmo filme, só que mais belo. Não quero passar a vida fazendo o mesmo filme de novo e de novo.

Nessa reflexão sobre riso e melodrama, quem é Giovanni no seu rol de comédias tristes?

É alguém que não tem a medida do abandono, do fim. Seu casamento acabou, mas ele não enxerga, por estar imerso no trabalho. A escola acabou, mas ele ainda carrega um sentimento de liceu em sua forma de combater. Mas é um cineasta particular, capaz de dirigir, escrever, produzir.

Esforço contra o cancelamento

A ameaça de cancelamento reinou sob as cabeças da HFPA até uma revitalização, em 2023, o que deu ao contingente de profissionais de mídia envolvidos em sua realização a chance de abrir as atividades de 2024 com uma nova edição – a de número 81 – abençoada por toda a Meca do entretenimento. Uma nova leva de Globos dourados será entregue neste domingo. Agora, para evitar encrascas e o risco de cancelamento, o prêmio passa a ser gerido pela Eldridge Industry, a partir de sua subsidiária, a Dick Clark Productions.

Com transmissão no Brasil assegurada pela TNT e pela HBO Max a partir das 22h, a premiação da HFPA será realizada no Beverly Hilton, em Los Angeles, e vai ser exibida dos EUA para o mundo pela CBS. A emissora americana chegou a virar a cara para a Associação de Correspondentes de Imprensa hollywoodiana no auge dos escândalos. Mas, hoje, existe um armistício. Basta ver que o filme com maior número de indicações (nove) é um tratado feminista: “Barbie”, de Greta Gerwig, atriz e cineasta que, em maio, vai presidir o júri pela Palma de Ouro de Cannes. Sua deliciosa mirada sobre a boneca mais famosa do mundo foi a maior bilheteria do ano que passou, com US\$ 1,4 bilhão. A saga de como Barbie (Margot Robbie) vem para o mundo dos humanos, enquanto Ken (Ryan Gosling) faz de sua realidade de plástico um culto ao machismo, dispara na dianteira pelo prêmio de melhor longa cômico. Há distinção por gênero dramático.

Existem peculiaridades na forma como a HFPA organiza a distribuição de seus concorrentes. Existem dois blocos de gênero na composição (envolvendo atrizes, atores e filmes): Drama e

Comédia/Musical. Existe ainda uma disputa à parte do cinema, voltada para séries de TV e de streaming, que é um universo à parte. Não por acaso, em 2007, Rainn Wilson, astro da hilária “The Office”, foi anunciar os concorrentes fazendo uma troça: “We are TV actors”, deixando no ar a impressão



‘Barbie’ é a recordista de indicações na festa dos correspondentes internacionais

de que astros da telinha eram menos valorizados do que astros da telona. Isso foi antes de “Breaking Bad” e “True Detective” revolucionarem o audiovisual. Antes de existir a rede de plataformas de streaming. Este ano, a narrativa serializada com mais indicações é a tensa “Succession” (concorrendo em nove frentes), seguida por “The Bear” e “Only Murders in the Building” (disputando em cinco frentes cada).

Há muito investimento nesse terreno de séries, mas HFPA segue fazendo do cinema seu xodó e a lutar pela manutenção das plateias em salas de exibição – daí o prestígio de “Barbie”. Todos os cults do ano (“Oppenheimer”, “Assassinos da Lua das Flores”, “Vidas Passadas”) figuram na briga por Globos.

A obra-prima de Christopher Nolan sobre o criador da bomba atômica, J. Robert Oppenheimer é o maior rival de Greta Gerwig. Concorre a oito estatuetas, levando consigo a fama de ser “o melhor filme do século XXI” (de acordo com o prestigiado

cineasta Paul Schrader, de “A Marca da Pantera”) e uma arrecadação estimada em US\$ 952 milhões, apesar de durar três horas e usar e abusar de jargões técnicos da Física em seu roteiro.

Este ano, a inovação mais ousada da HFPA – para o gosto da crítica – foi a criação de uma categoria para valorizar campeões de bilheteria e narrativas pop calçadas na cinemática (jargão para a escrita do movimento, típica do cinema de ação). Nessa leva, foram valorizados hits como “John Wick 4”, “Missão: Impossível – Acerto de Contas: Parte Um” e a aventura animada “Homem-Aranha: Através do Aranhaverso”. Na arte de surpreender, o colegiado da associação abriu múltiplas frentes para uma produção egressa da França, que conquistou a Palma de Ouro em Cannes, em maio: “Anatomia de uma Queda”, de Justine Triet. Grande vencedor do European Film Awards (o Oscar do Velho Mundo), o suspense de tribunal

foi indicado aos Globos de Melhor Filme (Drama), Roteiro, Atriz (Sandra Hüller) e Filme de Língua Não Inglesa.

Essa categoria rendeu frutos para nuestros hermanos em 2023, com a vitória de “Argentina, 1985”, de Santiago Mitre, com Ricardo Darín. Este ano, a HFPA não escalou latinos, embora um dos cinco títulos que concorrem com “Anatomia de uma Queda” seja centrado na seleção uruguaia de rúgbi que se perdeu nos Andes, em 1972: o filme catástrofe espanhol da Netflix “A Sociedade da Neve”, de J. A. Bayona, lançado ontem na grade de seu streaming. Os demais competidores representam a Itália (“Eu, Capitão”, de Matteo Garrone); a Coreia do Sul (o já citado “Vidas Passadas”, de Celine Song); o Reino Unido, ainda que falando Alemão (com “Zona de Interesse”, de Jonathan Glazer, sobre um casal nazista na II Guerra); e a Finlândia. O audiovisual finlandês se candidata – e bem – com o badalado

Divulgação

Divulgação



Ganhador da Palma de Ouro, 'Anatomia de uma Queda' pode coroar Justine Triet na festa da HFPA Globo

Divulgação



'Succession' é a série que concorre em mais frentes na cerimônia deste domingo

Divulgação



Potencial vitória da atriz Lily Gladstone pode consagrar lutas dos povos indígenas

Divulgação



Desenho campeão de bilheteria de Miyazaki, 'The Boy and the Heron' pode premiar o Japão

“Folhas de Outono”, de Aki Kaurismäki, já em cartaz no Rio, que valeu ainda uma indicação para sua estrela, Alma Pöysti. O brasileiroíssimo “Retratos Fantasmas”, de Kleber Mendonça Filho, não teve espaço, apesar de ser a produção que escolhemos para representar nosso cinema aos olhos da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood.

Distinta da HFPA, embora abarque em seu colegiado votante alguns integrantes da Associação de Correspondentes, a Academia tem regras distintas do Globo de Ouro. Porém, como os dois prêmios ocorrem numa mesma temporada do ano (o primeiro trimestre), compartilhando os filmes que as associações sindicais hollywoodianas abraçaram como seus queridinhos, existe uma tendência a se comparar as duas cerimônias. Por isso, por anos a fio, o Globo foi tratado como uma prévia do Oscar. Hoje, essa aproximação simbólica mudou.

O que não mudou foi a atenção dada

pela HFPA a fenômenos populares internacionais, como os animes do Japão também. Neste domingo, a indústria cinematográfica nipônica vai ter dois títulos na briga pelo prêmio de melhor longa animado. Um deles, “Suzume”, de Makoto Shinkai, disputou o Urso de Ouro, na Berlinale, em fevereiro. O outro, “O Rapaz e a Garça” (“The Boy and the Heron”), que marca a volta de Hayao Miyazaki (de “A Viagem de Chihiro”) à direção, depois de um hiato de dez anos, ficou em primeiro lugar na lista das maiores bilheterias dos EUA, no fim de semana passado. Sua receita já beira US\$ 130 milhões. Miyazaki abriu o Festival de San Sebastián com o longa, em setembro, e foi saíu de lá coroado com o troféu Donostia, por seu legado autoral, iniciado em 1973.

Uma das produções mais elogiadas entre as atrações da streaminguesfera, o estonteante “Maestro”, dirigido e estrelado por Bradley Cooper, com foco na vida do regente e compositor Leonard Bernstein,

leva seu astro principal a brigar pelo Globo de Melhor Atuação Masculina de Drama e à láurea de Direção. Carey Mulligan também recebeu uma indicação, concorrendo ao prêmio de Melhor Atriz Dramática pelo longa, hoje no ar na Netflix. O filme fez sua primeira aparição no Festival de Veneza, em setembro, onde o Leão de Ouro foi confiado a “Pobres Criaturas”, do grego Yorgos Lanthimos. Estima-se que a HFPA pode se render a Lanthimos e à sua estrela, Emma Stone. Ela disputa na frente das comédias. No front dos longas dramáticos, a atriz com mais chances de ser laureada é Lily Gladstone (estrela de origem indígena, com ancestralidade na nação Piegan Blackfeet) que combate o racismo contra os povos originários dos EUA no faroeste “Assassinos da Lua das Flores”, de Martin Scorsese.

Entre todos os cineastas em confronto pelo Globo dourado de Melhor Direção, Scorsese é quem mais tem chance de ser agraciado pela HFPA, pela relevância po-

lítica e pela exuberância estética de “Assassinos da Lua das Flores” – no qual ele faz uma participação como ator. Seus dois musos, Leonardo DiCaprio e Robert De Niro, concorrem ao prêmio dos correspondentes. O musical “A Cor Púrpura” e a comédia “American Fiction” – reflexões sobre o preconceito racial nos Estados Unidos – despontam com vigor na caça à láurea da Hollywood Foreign Press Association.

Pouco depois da entrega do Globo de Ouro, a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood anuncia suas indicações no dia 23 de janeiro. A entrega das estatuetas será no dia 10 de março.

MOMENTOS ANTOLÓGICOS DA HISTÓRIA DO PRÊMIO

EM 1999, Walter Salles e Fernanda Montenegro subiram ao palco da festa da HFPA para buscar o Globo de Melhor Filme de Língua Estrangeira para o Brasil. Então molecote, o ator Vinícius de Oliveira, que vivia o menino Josué, ergueu a láurea, sob holofotes da NBC.

EM 2007, “Babel”, de Alejandro González Iñárritu, conquistou o Globo de Ouro de Melhor Filme e foi para a disputa do Oscar como “O” favorito da Academia. Na hora H, só foi oscarizado na disputa de trilha sonora, com uma estatueta entregue ao argentino Gustavo Santaolalla.

EM 2009, ao conquistar o troféu de Melhor Ator por “The Wrestler” (“O Lutador”), Mickey Rourke dedicou sua vitória a seus cachorros. “Às vezes, quando uma pessoa está sozinha, tudo o que se tem é seu cão”.

EM 2016, ao ser laureado com a estatueta de Melhor Ator Coadjuvante por “Creed – Nascido Para Lutar”, Sylvester Stallone foi ovacionado e dedicou o prêmio a seu personagem, o pugilista Rocky Balboa. Seu discurso: “Obrigado por ser o melhor amigo imaginário que alguém pode ter”.

TAMBÉM EM 2016, Wagner Moura levou seu talento à festa da Hollywood Foreign Pressa ao concorrer com “Narcos”, pelo papel de Pablo Escobar.

EM 2020, ao receber o Globo de Melhor Filme de Língua Estrangeira por “Parasita”, o diretor Bong Joon Ho brincou com a resistência do cinema americano em prestigiar produções de línguas estrangeiras: “Filmes com legendas são legais. Se vocês superarem a barreira de dois centímetros que são as legendas”

‘Dominó’ e ‘Paixão’, thrillers filmados pelo cineasta dos anos 2010 para cá, não tiveram vaga em circuito no Brasil e nada lhe garante sinal verde para voltar a filmar

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Citado como referência por Quentin Tarantino e aclamado por cineastas europeus como Nicolas Winding Refn e François Ozon, Brian Russell De Palma chegou à marca de cinco anos de invisibilidade aos olhos da indústria audiovisual. Nenhum dos projetos de longa-metragem que estavam associados a seu nome saiu do papel, entre eles um thriller potencialmente reservado para Wagner Moura, chamado “Sweet Vengeance”.

O pior: o último trabalho do octogenário realizador segue estacionado desde 2019 na fila de filmes sem tela no Brasil. “Dominó”, que foi seu longa mais recente, passou na Europa em raros espaços e não teve circuito nestas bandas. Protagonizado pelo ótimo Nikolaj Coster-Waldau, no papel de um policial em busca de vingança, o thriller “Dominó” aguarda estreia em vários territórios, confirmando uma maldição que se abateu sobre seu realizador. Nos EUA, ele passou batido, prejudicado por uma série de problemas de produção. Nos bastidores, fala-se em calote, que nem De Palma nem os atores foram remunerados como deveriam. Seu fracasso acabou prejudicando projetos posteriores do midas do suspense da Nova Hollywood, como “Catch and Kill”, escrito para seu amigo Al Pacino, e “Predator”, sobre o escândalo Harvey Weinstein.

Responsável por garantir ao diretor (hoje com 83 anos) uma indicação ao Leão de Ouro, em 2012, o suspense “Paixão” (“Passion”), com Noomi Rapace e Rachel McAdams, permanece, também zero km em nosso circuito. Nem streamings como a MUBI conseguiram trazê-lo.

Exibido no Festival de Rio de 2008, “Guerra Sem Cortes” (“Redacted”), um libelo contra a intervenção militar de Bush no

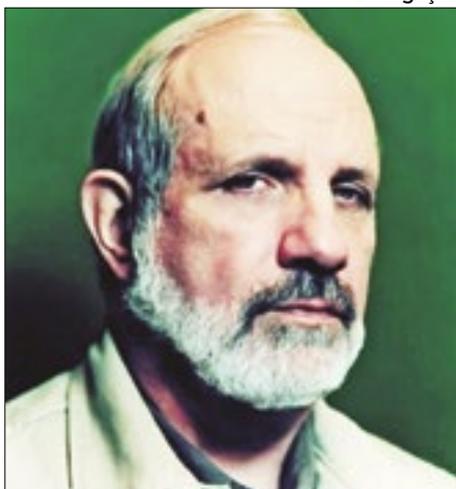
Uma tela para De Palma

Divulgação



Aos 83 anos, Brian De Palma perdeu espaço no circuito tanto que ‘Dominó’, seu trabalho mais recente, permanece sem tela desde 2019

Divulgação



Iraque, teve melhor sorte e foi pra grade do www.mubi.com. O longa deu a De Palma o prêmio de Melhor Direção em Veneza, na Itália. “Dália Negra”, seu último sucesso, lan-

çado em 2006, também sumiu das telas, mas hoje pode ser acessado na Amazon Prime. O que teria expelido um cineasta desse naipe do circuito? Cineasta com 63 anos de carreira.

Nascido em 11 de setembro de 1940, em Newark, Nova Jersey, De Palma estudou Física até estrear como realizador, em 1960, ao rodar o curta-metragem “Icarus”. Filho de um cirurgião, a quem acompanhou em muitas operações, De Palma rodou 35 filmes nas últimas cinco décadas. Dirigiu sete curtas entre 1960 e 1966, além de um videoclipe para Bruce Springsteen, desenvolvido a partir da canção “Dancing In The Dark”.

Na seara dos longas-metragens, contabiliza 31 produções, rodadas entre 1968 - quando debutou no formato, com “Murder à La mod” - e 2019 - quando “Dominó” entrou em cartaz, ficando em evidência apenas em Israel e na Hungria. Avaliando-se tudo de bom que o diretor assinou, “Dublê de corpo” (1984), “Scarface” (1983) e “Carrie, a estranha” (1976) são considerados obras-primas em sua carreira,

cujos maiores êxitos comerciais foram projetos de “encomenda”. Seus blockbusters: “Os Intocáveis” (1987), cujo faturamento beirou US\$ 76,2 milhões, e “Missão: Impossível” (2006), que registrou uma arrecadação mundial de US\$ 456,7 milhões.

Controverso por excelência, classificado como misógino e voyeurista, De Palma foi, durante décadas, classificado como um pastichador de Alfred Hitchcock, até que uma retrospectiva realizada em 2002 no Centre Pompidou recontextualizou sua filmografia, buscando uma identidade autoral própria para além de suas referências. Em 2007, quando lançou “Guerra sem cortes” no Lido, usando elementos da linguagem digital retirados do YouTube, o cineasta declarou: “Hitchcock é o maior mestre da arte contar histórias a partir de imagens e se eu uso alguma referência de sua gramática esses elementos complexificam o que eu conto. Mas acho que hoje, após quase 50 anos como diretor, eu já tenho meus próprios métodos configurando um estilo”.

ENTREVISTA / RENATA MIHZAR (DRAMATURGA) E SUELY FRANCO (ATRIZ)

'As vedetes merecem serem lembradas sempre'

Por Cláudia Chaves
Especial para o Correio da Manhã

O musical "A Vedete do Brasil" é um resgate e uma grande homenagem a todas as vedetes brasileiras que, assim como Virginia Lane, conseguiram superar imensas dificuldades, se impor perante o olhar torto dos moralistas e viraram verdadeiras estrelas. Todo o Brasil sonhava com elas. Envoltas em mistérios, lindas, corpos esculturais, dançavam, cantavam, faziam humor, rodeadas de plumas e eram a maior ameaça às famílias.

O espetáculo é idealizado pelo jornalista Cacau Hygino, que assina a dramaturgia ao lado de Renata Mizhari. A direção marca a estreia de Claudia Netto na função e a direção musical fica a cargo do premiado Alfredo Del-Penho. Em cena, Suely Franco interpreta Virginia já em seus últimos anos de vida, enquanto prepara uma ceia de Natal com a filha única, Marta (Flávia Monteiro), e aguarda a chegada de um amigo. Ao longo do dia, ela relembra episódios que marcaram a sua trajetória, em cenas que divide com Bela Quadros, responsável por dar vida à Virginia no auge de sua juventude.

Renata Mizhar, a dramaturga e Suely Franco, a estrela, falam com exclusividade ao Correio sobre a sua relação com Virginia Lane, a vedete do Brasil.

Como foi a sua escolha para ser dramaturga? Você escreve outros gêneros?

Renata Mizhar - Eu me formei como atriz e já na faculdade sempre escrevi para

eu atuar. Com o tempo fui tomando gosto e formei a Teatro de Nós Cia de Teatro. (com Diego Molina, Elisa Pinheiro, Anderson Ratto, Isadora Medella e Letícia Medella) eu escrevia e atuava. Aos poucos fui querendo mais escrever que atuar. Em 2010 passei a escrever para TV e cinema também. Hoje eu amo escrever para teatro e audiovisual. Sempre escrevi poesias (tenho um blog secreto) e tenho alguns contos publicados.

A capacidade de ser autora eclética criando para infantil, biografia, drama é por solicitação ou é você quem propõe?

Renata Mizhar - Acho que um pouco dos dois. Eu comecei a escrever para crianças por ter tido dando aulas de teatro numa colônia de férias. O humor e drama vem de minha origem judaica, de uma família misturada com sírios, turcos e russos. Todo meu drama vem com doses de humor. Eu vivo da escrita cem por cento na minha vida, então eu trabalho tanto por encomenda, quanto no desejo voraz de realizar meus projetos. E tenho projetos meus para teatro, cinema, humor na TV e dramas adultos e infanto-juvenis.

O trabalho para Virginia foi construído de que forma? Você já a conhecia?

Renata Mizhar - Fui chamada nos últimos segundos do segundo tempo pelos produtores da peça Wesley Telles e Bruna Dornelas para escrever junto com Cacau Hygino. Foi quando conheci Marta Lane, a filha adotiva de Virginia e Alex Palmeiras, o melhor amigo e maquiador, que a história apareceu.



Suely Franco como Virginia Lane

Eles falaram de uma Virginia que não está nas entrevistas nem no Google. Através deles conheci as fragilidades, o comportamento, o temperamento dela e isso é rico e potente para uma personagem.

Suely, como foi seu encontro com Virginia?

Suely Franco - Eu não cheguei a fazer teatro de revista, mas sempre gostei de conhecer e acompanhar, conheci e fui colega de muitas vedetes. Eu amo teatro musical e fazer musical. É onde reúne tudo que eu mais gosto de fazer, cantar, atuar e dançar. Assim como era no teatro de revista. Então é um mesmo universo de trabalho. As vedetes merecem serem lembradas sempre. Era isso que a Virginia pedia a sua filha, Marta, para que a história dela fosse sempre lembrada. E falar da história dessas mulheres é falar também da nossa cultura, do nosso teatro.

E como você se sente no palco com este papel?

Suely Franco - Poder fazer "A Vedete do Brasil", falando da Virginia Lane, está sendo uma maravilha. Virginia foi uma mulher maravilhosa, que enfrentou tantas dificuldades e foi para cima com o seu talento. Uma força de mulher. Contar essa história, em um musical e com colegas tão especiais, a direção da Claudia Netto, uma equipe fantástica. A gente tem vontade de ir logo pro teatro e fazer o espetáculo para trocar essa energia com a plateia e contar essa história.

SERVIÇO

A VEDETE DO BRASIL

Teatro Copacabana Palace (AV. Nossa Senhora de Copacabana, 261)

Até 28/1, de quinta a sábado (19h30) e domingos (18h)

Ingressos entre R\$ 25 (meia) e R\$ 160

CRÍTICA / TEATRO / AS CRIANÇAS

Apocalipse Now

Victor Hugo Cecatto/Divulgação



Em 'As Crianças', a movimentação em cena aposta na surpresa

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Terremotos, tsunamis, mudança climática, seca, tempestades, casas que são arrastadas, que desmontam como na história dos 3 porquinhos, mortes. Uma sucessão de pavores, de se pensar a morte ali na esquina. E a ameaça da bomba? Do tal botão vermelho que algum mandatário aciona e apaga o mundo? Ou a explosão nuclear? Essa destruição do que nos cerca é apenas uma metáfora daquilo que Sartre preconizou: o inferno são os outros.

O gênero pós-apocalíptico, que mistura o que se chamava de ficção científica, com uma trama que envolve os sentimentos humanos mais forte, nos confrontam com um mundo totalmente irreconhecível. Crianças que somos, circulando em algo que não sabemos. E dessa mistura de realidade, de sentimentos, que Lucy Kirkwood compôs *As crianças*.

A direção Rodrigo Portella é magnífica, porque a movimentação em cena mistura o embate, as dissimulações, o jogo do conheci-

mento e da surpresa. A trama em torno de um casal de cientistas nucleares aposentados que vivem numa casa à beira-mar, após um desastre numa usina, que procuram preservar uma aparência de normalidade. Dayse (Analu Prestes) e Robin (Mario Borges), vivem sós. Após uma ausência de quase quarenta anos, Rose (Stela Freitas), antiga colega de profissão e amiga, chega para trazer a humanidade.

“As brincadeiras” que remontam à infância, pirulitos, ecos de ouvir rock, são traduzidos em voz, gestos, corpo, pequenas expressões pelos três atores que funcionam em uma troca, como se cada um fosse capaz de ler o que o outro vai fazer. A frase que resume tudo o que estamos vendo é você não consegue crescer, não viva. Não viver, em “*As Crianças*”, é vermos um espetáculo no qual a direção e a interpretação nos permite perceber que, mesmo vivendo é um porão, jamais escapamos de nossa essência.

SERVIÇO

AS CRIANÇAS

Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104, Botafogo) | Até 25/2, às terças e quartas (20h) | Ingressos: R\$ 70 e R\$ 35 (meia)

NA RIBALTA

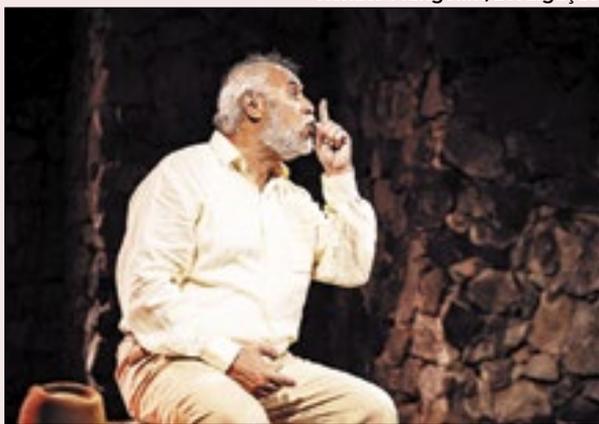
POR CLÁUDIA CHAVES

Do palco para o livro

Comemorando 20 anos de dramaturgia, com mais de 10 obras encenadas, o escritor Antônio Benedito Nicodemo lança seu primeiro romance, ‘*A Criança que Matou a Sede na Lágrima do Anjo*’, obra que se debruça na investigação e produção de um universo fantástico, no qual memória, as festas, o Brasil, os ritos e a devoção são as matérias primas de suas criações e escritas. O livro traz 12 contos autorais, entre histórias inéditas e outras que originaram espetáculos. Os universos se cruzam em viagem imagética com as palavras.

Divulgação

Renato Mangolim/Divulgação



O retorno de Riobaldo

No próximo dia 13, na Cidade das Artes, a obra “*Grande Sertão: Veredas*”, de Guimarães Rosa, é encenada por Gilson de Barros. Indicado ao Prêmio Shell Rio 2023, o projeto apresenta as duas primeiras peças da trilogia: “*Riobaldo*”, nos dias 13, 20 e 21 às 20h, e “*O Diabo na Rua, no Meio do Redemunho*” nos dias 14, 21 e 28 às 19h, na Sala Eletroacústica, com direção de Amir Haddad. Gilson tem uma atuação magnífica em ambas as peças. Um Riobaldo pausado, calmo, contador de histórias que aborda as ações passadas do ex-jagunço, hoje um próspero fazendeiro. Imperdível.

Divulgação



Filosofia, poesia e dança

Viviane Mosé traz de volta ao Manouche o projeto “*Furdúncio: Festa da Poesia, Música e Dança*”, ao lado dos amigos Duda Rios e Lucas dos Prazeres, no próximo dia 11. Como o nome da festa já diz “*Furdúncio*” é movimento, algazarra, um barulho em torno do pensamento e da arte. Música, dança, teatro, poesia e filosofia, tudo junto e misturado em nome da alegria de viver. São três artistas múltiplos e intensos com vivências distintas que articulam seus saberes para provocar comunhão e comoção na plateia. É uma festa brasileira, com certeza.



Fotos Ig Aronovich/Divulgação

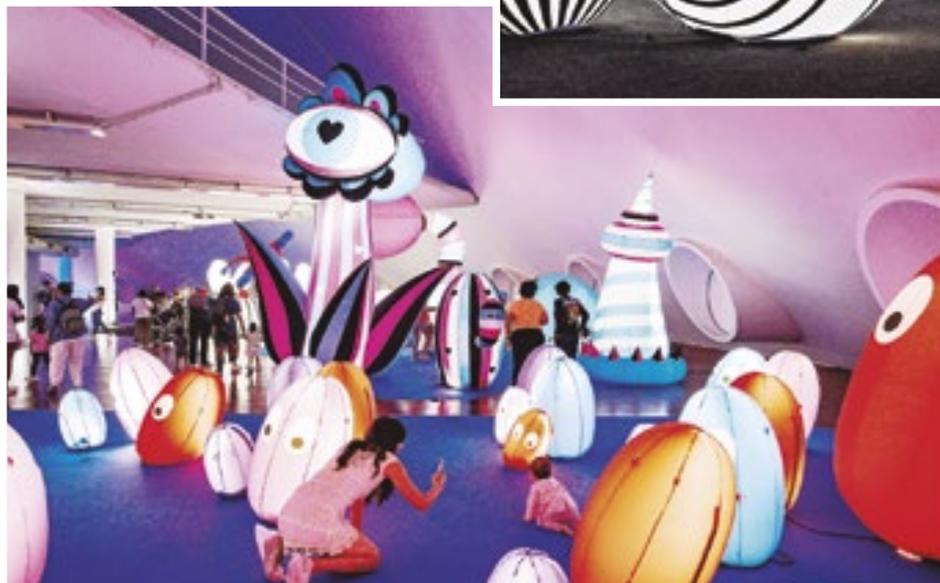
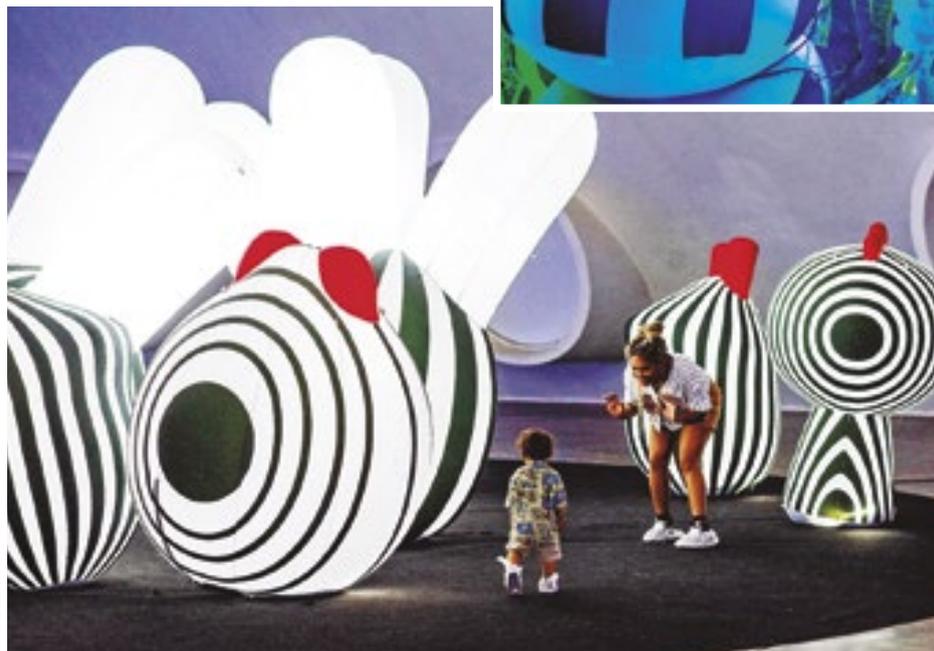


A diversão por um sopro

Mostra reúne mais de 500 obras de arte infláveis, com experiências lúdicas, fantásticas e sensoriais para todas as idades

Eventos interativos e sensoriais são uma tendência. Cativam o público oferecendo experiências únicas, envolventes e que se tornam inesquecíveis para quem as vivencia. Essa é a proposta da exposição “Blow Up: Um sopro de diversão”, que chega ao Rio nesta sexta-feira (5). Voltada para o público de todas as idades, a exposição revela um ambiente de fantasia e criatividade com cerca de 500 obras de arte infláveis.

Depois de receber mais de 120 mil visitantes no Parque Ibirapuera, em São Paulo, a mostra vai ocupar um espaço de 3 mil m² no Centro de Convenções Village Mall, na



A ideia é deixar a realidade de lado por uma hora e permitir que a fantasia tome conta do percurso.

A exposição segue uma tendência mundial de atividades culturais pensadas para todas as idades, nas quais adultos e crianças dividem momentos de leveza e descontração. “O convite é para caminharmos com curiosidade entre personagens imaginários, mas hiper-reais, de diversos tamanhos, com a oportunidade de observar novas expressões artísticas e técnicas relacionadas ao que tem de mais moderno no universo das exposições interativas e da arte inflável”, explica o argentino Lucas Capalbo, diretor artístico da exposição. “A mostra foi pensada para criar um diálogo aberto e emotivo com os visitantes, despertando sensações diversas e ativando um verdadeiro estado de relaxamento”, completa.

SERVIÇO

BLOW UP: UM SOPRO DE DIVERSÃO
Centro de convenções Village Mall (Av. das Américas 3.900, Barra da Tijuca) | De 5/1 a 3/3, de quarta a domingo (10h às 18h)
Ingressos: quarta a sexta: R\$ 50 e R\$ 25 (meia), sábados, domingos e feriados: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

Barra da Tijuca, com bolas, balões e infláveis de formatos diversos que criam mundos surpreendentes. Os visitantes podem tocar, sentir e se misturar às obras, tornando-se parte integrante da expressão artística.

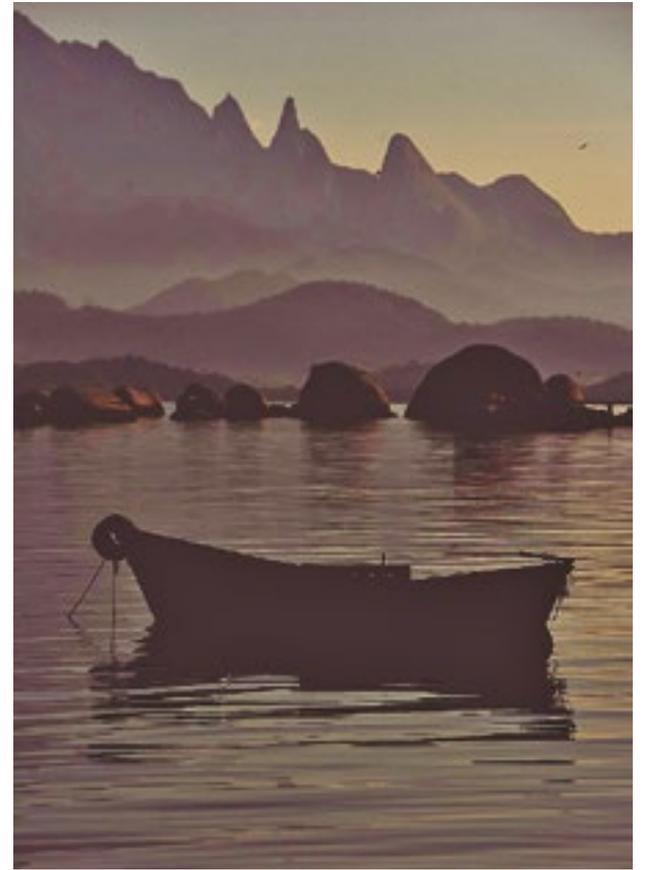
A exposição conta com 15 módulos temáticos, divididos entre a Jornada das Cores, Jardim Encantado e Passeio Cósmico. Um labirinto de espelhos, cogumelos, flores e um coelho gigante, criaturas divertidas, bolas que mudam de cor, pula-pula, balanços, uma enorme piscina de bolinhas são algumas das atrações que têm conquistado o público.



Retrospectiva 2023 em 12 fotos

Doze meses, 12 acontecimentos fotográficos. Amanheceu com sol de 'primavera', Gil, o imortal, versou o Rio, o Cristo esteve sempre, encimando o Corcovado, abençoando à Guanabara há 92 anos, Ruy Castro foi imortalizado na ABL e ganhou o Jabuti, não perdemos o bondinho da história, aplaudimos o pôr do sol, observamos o Dedo de Deus, gritamos epahey Iansã para a temporada de raios que cobriram os céus da cidade. Apesar dos pesares ao Rio continua sendo, pelo menos no visual, uma Cidade Maravilhosa de fato! Feliz 2024 e até lá!





Umás e ostras

Veja um roteiro de onde encontrar a iguaria nos restaurantes cariocas

Por **Natasha Sobrinho**
 (@restaurants_to_love)

Especial para o Correio da Manhã

Sem dúvida alguma esse é o verão das ostras! Você pode não gostar da textura, ou do gosto, mas ela carrega uma legião de adoradores. Embora seja consumida in natura, é uma iguaria versátil e pode ser feita no vapor, gratinada, empanada, com molhos, queijos ou na versão clássica, somente com limão. Abaixo, preparamos um roteiro com oito casas cariocas, que oferecem as ostras em diversas versões e até festivais com opções harmonizadas com vinho. Confira:

Câm O'n Thai Food - O premiado asiático celebra as noites de verão com um festival mensal de Ostras Thai. No dia 23, a partir das 18h, ostras frescas da Ilha Grande serão servidas em porções de três, seis ou doze unidades (R\$ 24, R\$ 48 e R\$ 78), com molhos artesanais criados pelos chefs. Downtown: bloco 9 loja 113, Barra da Tijuca. Botafogo: Rua Visconde de Caravelas 111.

Coltivi - Todas as quintas-feiras tem a noite Ostriche e Vino, com ostras harmonizadas com vinhos em um menu especial preparado pelo chef Meguru Baba e a sommelière Marina Garritano. As ostras simples, in natura, servidas com limão à francesa, custam a partir de R\$ 30 (6 unidades) ou R\$ 55 (12 unidades). As taças de vinhos, com opções naturais, biodinâmicos e orgânicos, custam a partir de R\$ 29. Rua Conde de Irajá, 53 - Botafogo. Tel: (21) 96532-5353.

Ferro e Farinha - A pizzaria e bar do novaiorquino Sei Shiroma, com quatro unidades na cidade, tem como estrela da casa, além das pizzas, o uso do forno à lenha no preparo de todas as receitas, e com as ostras não poderia ser diferente. Na ala dos "Espe-



Rudä

Daniel Bertelli/Divulgação



Coltivi

Rafael Mollica/Divulgação



Suibi

Tomas Rangel/Divulgação



Naga

ciais a Lenha" o cliente encontra as Ostras de Santa Catarina, gratinadas na lenha com mozzarella meia cura e servidas com vinagrete de

Vantuil Costa/Divulgação



Divulgação

Nôa

Divulgação



Vino!

Divulgação



Câm O'n Thai Food

Divulgação



Ferro e Farinha

cebolinha. (R\$ 29 - 3 unidades / R\$ 54 - 6 unidades). Rua Arnaldo Quintela, 23 - Botafogo. Tel: (21) 99349-4285.

Naga - A premiada casa de culinária nipônica, comandada pelo itamae Raul Ono, oferece as Ostras Frescas (R\$ 60 - 6 unidades). Elas são servidas com flor de sal e molho ponzu, acrescentando um toque ácido à experiência. VillageMall - Avenida das Américas, 3900 - loja 302 - Barra da Tijuca. Tel: (21) 3252-2698.

Nôa - O restaurante oferece a porção de seis ostras frescas (R\$ 69), as sextas e sábados, servidas com molhos cítricos ou limão tahiti. Os frutos do mar do restaurante são de Santa Catarina, estado que detém o ranking de produção no Brasil. Rua Garcia d'Ávila 135 - Ipanema. Tel: (21) 3900-3947.

Rudä - Uma das sugestões de entradas do restaurante brasileiro contemporâneo é o Trio de Ostras (R\$ 49). Elas são servidas com vinagrete de caju e pickles de maçã verde. Rua Garcia d'Ávila, 118 - Ipanema. Reservas pelo WhatsApp: (21) 98385-7051.

Suibi - O novo restaurante japonês comandado pelo chef Sei Shiroma, também inclui as ostras no menu, que são preparadas e servidas na grelha. A dupla de Ostras Hibach (R\$ 28), leva molho kaki cremoso e Grana Padano. Rua Dias Ferreira, 45 - Leblon.

Vino! Ipanema - A casa apresenta o Festival de Ostras, que acontece sempre de sexta a domingo. As ostras vêm do litoral de Santa Catarina, estado que é referência no cultivo desse fruto do mar e responsável pela produção de cerca de 90% das ostras no Brasil. No festival, elas são oferecidas frescas (R\$ 55 - 6 unidades), servidas com sal e limão ou gratinadas com creme de queijo (R\$ 69 - 6 unidades). Para harmonizar com as ostras, mais de 150 rótulos, os quais os clientes têm a opção de consumi-los comprando a garrafa ou em taças. O Festival de Ostras do Vino! Ipanema é realizado toda sexta-feira, das 12h às 23h; no sábado, das 12h às 23h e no domingo, das 12h às 18h. Rua Aníbal de Mendonça, 55 - Loja G - Ipanema. Telefone: (21) 97103-9856.